

Afeto e território: o bem-querer das imagens na fotografia popular no Rio de Janeiro.¹

João Victor de Lima Carlos²

Fernando Gonçalves³

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Resumo

Este artigo analisa a fotografia popular como prática humanística e afetiva nas periferias urbanas do Rio de Janeiro, tendo como foco as produções dos fotógrafos Laís Reverte e Lucas Freire, participantes do projeto Visus Decoloniais. Com base em uma abordagem qualitativa e decolonial, que inclui entrevistas semiestruturadas e análise estética das imagens, o estudo discute como o ato de fotografar se configura como um gesto político que transcende o registro documental, resgatando narrativas e afetos apagados por representações hegemônicas. A pesquisa dialoga com a pedagogia do bem-querer de João Roberto Ripper e as críticas à neutralidade do olhar fotográfico propostas por Ariella Azoulay, evidenciando o papel da fotografia na construção de pertencimento e memória coletiva em territórios historicamente marginalizados.

Palavra-chave: fotografia popular; afeto; território; decolonialidade; pertencimento.

Introdução

A fotografia, quando mobilizada como prática cotidiana, sensível e territorial, torna-se um meio potente de escuta e produção de afetos. Entre jovens artistas visuais que tem como berço as periferias urbanas do Rio de Janeiro, a fotografia aparece como uma fonte de ligação com outros jovens que tem suas percepções de mundo, afeto e cultura nesses mesmos lugares. O ato de fotografar passa a ocupar um lugar político que transcende o ato do registro, carregando consigo uma força representacional face as complexidades da vida social, segundo Piette (2007 apud CONORD, 2013, p.12). A fotografia torna-se então um ponto de encontro com aquilo que é igual, dando vida à uma figura carregada de intencionalidade ao se propor a resgatar uma visão afetiva sobre

¹ Trabalho apresentado na IJ04 – Audiovisual e Mídias Sonoras, da Intercom Júnior – 19ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação, 10º Semestre, do Curso de Relações Públicas da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro– UERJ e Bolsista de Iniciação Científica do Visus Decoloniais (Iniciação Científica e Extensão), e-mail: jvcarlos11@gmail.com.

³ Orientador do trabalho e professor do Departamento de Relações Públicas da Faculdade de Comunicação Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro– UERJ e Coordenador do Visus Decoloniais (Iniciação Científica e Extensão), e-mail: goncalvesfernandon@gmail.com.

territórios e corpos que tiveram esse direito apagado dentro de uma sociedade que tem sua base moldada em estruturas coloniais.

Este artigo propõe refletir sobre a fotografia popular como prática humanística e afetiva, a partir da análise das obras dos artistas Laís Reverte e Lucas Freire, participantes do projeto Visus Decoloniais. A pesquisa parte da necessidade de desaprender uma visão imperialista imposta através da manipulação de registros e narrativas históricas (AZOULAY, 2024). Compreendemos que o território é parte fundamental na construção dos olhares que vão guiar fotógrafo dentro da fotografia popular, partindo da ideia de que a construção de narrativa é carregada de intencionalidade, a mesma que vai dizer quais histórias serão contadas através dos registros.

A fotografia popular caminha junto à ideia de Paulo Freire (1996) sobre a escuta como fundamento ético de qualquer prática pedagógica, entendendo que o fotógrafo popular atua como um ouvinte visual, traduzindo em imagens as narrativas e afetos de sua comunidade.

Assim, questionamos: como o afeto se materializa na imagem? De que maneira os fotógrafos populares constroem pertencimento e memória através do gesto fotográfico? Ao registrar o cotidiano, as celebrações, as ausências e as resistências de um território, a fotografia popular não apenas documenta uma realidade, mas contribui para a construção de uma memória coletiva, capaz de fortalecer laços e identidades. O gesto de fotografar se torna, então, uma prática de cuidado e reconhecimento, em que cada imagem dialoga com a história e os sentimentos do grupo retratado. Nesse processo, o fotógrafo não se posiciona como um observador distante, mas como parte integrante de um tecido social, onde seu olhar e sua escuta visual são atravessados por vínculos afetivos e responsabilidades éticas.

Fotografia popular e João Roberto Ripper

O que se reconhece atualmente como fotografia popular no Rio de Janeiro é, em grande medida, fruto de um encontro entre práticas comunitárias de imagem e a ética visual proposta por João Roberto Ripper, a partir do que ele denomina pedagogia do bem-querer. Esta abordagem tem como fundamento uma visão humanística da fotografia, onde o afeto, a escuta e a colaboração se tornam princípios centrais. Segundo Ripper (2016), o ato de informar visualmente deve fazer parte de um processo educativo e ético,

questionando por que, ao tratar das populações menos favorecidas, raramente se mostram as belezas dos seus fazeres. O compromisso ético do fotógrafo popular reside justamente em tensionar esta ausência, produzindo imagens que não apenas denunciam, mas que também afirmam a potência dos territórios e dos sujeitos que ali habitam.

A fotografia popular, nesse contexto, não se limita a registrar uma realidade externa. Ela é resultado de uma construção coletiva, de uma convivência prolongada e de uma escuta sensível, em que a relação entre o fotógrafo e os fotografados se dá em um campo afetivo e de mútua confiança. Como afirma Temido (2022, p. 55), para representar bem uma comunidade é necessário viver com ela, pois é nesse convívio que o fotografado se sente disposto a abrir sua vida, sua intimidade e sua história tanto ao fotógrafo quanto ao público que terá acesso àquelas imagens. Este posicionamento ético e afetivo transforma a fotografia em um espaço de encontro e de partilha, onde o gesto de fotografar deixa de ser um ato extrativo e passa a ser um processo de construção conjunta de narrativas visuais.

Entretanto, este deslocamento no olhar exige também uma crítica à neutralidade do dispositivo fotográfico e do próprio ato de fotografar. Como aponta a escritora Ariella Aisha Azoulay:

desaprender o imperialismo é recusar as histórias que o obturador conta. Esse desaprender só pode ser realizado se a neutralidade do obturador for admitida como um exercício de violência; nesse sentido, desaprender o imperialismo torna-se um compromisso com reverter o trabalho do obturador. (AZOULAY, 2024, p. 11)

Assim, a prática da fotografia popular implica um compromisso com a reversão desse trabalho de silenciamento e de apagamento, buscando construir imagens que sejam expressão dos próprios territórios e de seus habitantes. Ao incorporar a pedagogia do bem-querer e uma ética do afeto, os fotógrafos populares cariocas reconfiguram o ato fotográfico como uma prática política de resistência e de afirmação de narrativas que emergem de dentro das comunidades.

É justamente a partir dessa perspectiva ética e afetiva que se pode compreender o trabalho desenvolvido por jovens fotógrafos participantes do projeto Visus Decoloniais. O Visus constitui um espaço de formação e experimentação, onde a fotografia é mobilizada como linguagem para a construção de outras narrativas sobre o território e para o fortalecimento de processos de pertencimento e memória coletiva. Inseridos em

uma pedagogia que valoriza o olhar de dentro, os participantes do projeto, como Laís Reverte e Lucas Freire, assumem a fotografia como uma prática profundamente ligada à sua experiência territorial e aos vínculos afetivos que tecem com os sujeitos e os espaços retratados.

Em suas imagens, percebe-se uma busca constante por resgatar e afirmar os afetos presentes na vida cotidiana das comunidades, contrapondo-se às representações hegemônicas que frequentemente estigmatizam esses territórios. Por meio de uma relação de escuta e de convivência com o espaço vivido, Laís e Lucas produzem fotografias que não apenas representam, mas também performam um gesto de cuidado, de reconhecimento e de pertencimento, inscrevendo no campo visual as histórias, os afetos e as resistências que compõem a vida social nas periferias cariocas.

Metodologia

A condução deste trabalho está ancorada em uma abordagem qualitativa e decolonial, atenta às experiências e afetos mobilizados pelas práticas fotográficas no território. A pesquisa se insere no contexto do projeto Visus Decoloniais, desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (PPGCom/UERJ), em parceria com o Laboratório de Fotografia (LabFoto/UERJ) e apoiado pela FAPERJ. O projeto, que mapeia e acompanha as produções de jovens fotógrafos e fotógrafas das periferias cariocas, se estrutura como um espaço de formação e experimentação em que a fotografia é compreendida como ferramenta para a construção de narrativas próprias sobre o corpo, o território e a memória coletiva.

A partir do contato com um acervo diversificado de imagens, e tendo como critério o modo como determinados fotógrafos elaboram uma abordagem afetiva e situada em relação ao território, foram selecionadas para este estudo as produções de Laís Reverte e Lucas Freire. Ambos os fotógrafos desenvolvem um trabalho em que a fotografia é mobilizada como prática de cuidado e de escuta visual, evidenciando vínculos profundos com os espaços vividos e com os sujeitos retratados.

Para a construção da análise, foram realizadas entrevistas semiestruturadas e realizadas via whatsapp com os dois artistas em junho deste ano, com o objetivo de

compreender as trajetórias, os sentidos e os processos que orientam suas práticas fotográficas. O material visual, composto por uma seleção de imagens autorais produzidas por Laís e Lucas, foi examinado a partir de uma perspectiva estética e afetiva, em diálogo com uma epistemologia que busca deslocar as formas tradicionais de leitura da imagem fotográfica, reconhecendo seu potencial como prática de resistência e de criação de outros imaginários sobre as periferias urbanas.

Análise da produção de Lucas Freire

A prática fotográfica de Lucas Freire, articulada no projeto Niterói a Olho Cru, reafirma a potência da fotografia popular como um instrumento de construção de memória, identidade e resistência. Oriundo do Morro do Inferninho, em Niterói, Lucas compreende seu território não apenas como cenário, mas como a base de tudo que compõe sua visão de mundo e sua prática artística. Ele próprio afirma que seu trabalho "não existiria sem o meu território" (Lucas Freire, comunicação pessoal, 5 jun. 2025), deixando evidente que as imagens que produz partem de um lugar de vivência, de afeto e de pertencimento.

Essa perspectiva se conecta ao entendimento de que a fotografia popular deve ser atravessada por uma ética do cuidado e do bem-querer. No olhar de Lucas, o ato de fotografar carrega um compromisso afetivo com as pessoas e os espaços que retrata. Como ele explica, o afeto "já está no próprio ato de fotografar e escolher fotografar a minha realidade" (Lucas Freire, comunicação pessoal, 5 jun. 2025), optando por registrar "a favela enquanto potência", em contraponto às imagens estigmatizadas e violentas historicamente associadas às periferias.



Imagens 1 e 2 - @niteroiaolhocru

Esse olhar se evidencia de forma concreta nas imagens analisadas. A imagem 1, um retrato de sua avó, é carregada de significado e memória pessoal. Na entrevista, Lucas descreve como essa fotografia foi construída a partir de um momento íntimo, em um final de semana em que conversavam, tomando café na escada de casa. Ele destaca que, por conta da rotina, são raros os momentos em que consegue estar com ela de forma tranquila, e que o retrato surgiu como um gesto de afeto e preservação da memória: "foi isso: num momento muito relaxado de nós dois... E eu acho que isso torna essa foto tão especial e tão potente, pra mim" (Lucas Freire, comunicação pessoal, 5 jun. 2025). O enquadramento próximo e a luz suave reforçam a delicadeza do instante, marcando a imagem com uma dimensão afetiva que extrapola o registro visual.

A imagem 2, que mostra três jovens de costas, abraçados, caminhando pela rua da comunidade, também revela esse olhar atento às potências do cotidiano. A escolha desse momento — um gesto de companheirismo e afeto em meio ao espaço urbano — reforça a intenção de registrar a favela a partir de suas relações humanas, de laços de solidariedade e amizade. A cena sugere uma vivência de coletividade, desafiando os estereótipos que frequentemente reduzem esses territórios à violência.

Lucas compreende a construção das imagens como um processo compartilhado entre fotógrafo e fotografado, baseado em trocas e em vínculos construídos ao longo do tempo. Ele ressalta que sua fotografia é "um trabalho de relação constante com esse território" (Lucas Freire, comunicação pessoal, 5 jun. 2025), no qual memórias pessoais e coletivas se entrelaçam, conferindo densidade emocional às imagens produzidas. A escolha de registrar pessoas próximas, como vizinhos e familiares, reforça esse compromisso com uma fotografia que nasce da intimidade e da experiência compartilhada.

Ao afirmar que "quanto mais local for a arte, mais plural ela é" (Lucas Freire, comunicação pessoal, 5 jun. 2025), Lucas aponta para uma compreensão profunda do valor político e cultural de seu trabalho. Suas imagens não apenas representam o Inferninho, mas dialogam com signos e afetos compartilhados por diversas culturas periféricas do Brasil. Assim, sua fotografia se constrói como um gesto de afirmação de

identidade e de resistência, que contribui para a construção de novas memórias visuais sobre as periferias urbanas.

Análise da produção de Laís Reverte

A prática artística de Laís Reverte reafirma a potência da fotografia popular como uma linguagem capaz de humanizar, afirmar e reconstruir narrativas visuais sobre os corpos e territórios negros e indígenas no Brasil. Mulher preta, artista visual capixaba, geóloga e fotógrafa, atualmente moradora da zona norte do Rio de Janeiro, Laís constrói suas imagens como uma forma de reimaginar a identidade preta e indígena para além do trauma colonial, utilizando símbolos de afeto do cotidiano para recontar essas histórias.

Em sua própria definição, seu trabalho busca "dialogar acerca da humanização dos corpos pretos sob uma perspectiva ancestral de afeto" (Laís Reverte, comunicação pessoal, 10 jun. 2025), valorizando as relações entre sujeitos e território. A relação com o espaço é central em sua produção, como ela mesma afirma na entrevista: "o que eu faço com as imagens que eu crio é uma resposta do que o meu corpo sente e troca com o território que eu vivo" (Laís Reverte, comunicação pessoal, 10 jun. 2025). A construção de suas imagens nasce de uma interação sensível e afetiva com o território, não apenas como espaço físico, mas como lugar de memórias, afetos e resistências.



Imagens 3 e 4 - @revertindo

Esse olhar se materializa nas imagens analisadas. A imagem 3, que retrata um boi de congado ricamente adornado durante uma festividade popular, revela a atenção de Laís

à força simbólica e estética das manifestações culturais negras e indígenas. A composição da imagem, vibrante em cores e texturas, não apenas documenta a cena, mas celebra a potência da cultura popular, enfatizando os afetos e os laços coletivos que emergem dessas práticas. Como ela afirma na entrevista, ao fotografar festas populares busca "signos de afeto" (Laís Reverte, comunicação pessoal, 10 jun. 2025), elementos que comuniquem identidade e pertencimento.

A imagem 4, em preto e branco, registra um casal negro sentado em uma rua, em frente a um mural com a frase "crespo é lindo, feio é seu preconceito". O momento captado, de cumplicidade e aconchego, é profundamente carregado de uma dimensão política e afetiva. A escolha do enquadramento e do momento exato do abraço revela o compromisso de Laís com uma fotografia que não apenas representa, mas que constrói imagens de afeto e de autoestima para os corpos negros. Sua prática, como ela descreve, parte de "uma essência afetiva" (Laís Reverte, comunicação pessoal, 10 jun. 2025), um olhar que busca celebrar e afirmar as subjetividades e as histórias desses corpos.

Em seu processo criativo, Laís valoriza o tempo da escuta e da troca com as pessoas e os espaços que fotografa. Para ela, a construção de um retrato passa por "um mínimo de intimidade, por uma transparência" (Laís Reverte, comunicação pessoal, 10 jun. 2025), permitindo que os sujeitos estejam "com a máxima vontade dentro do que eles construíram deles mesmos" (Laís Reverte, comunicação pessoal, 10 jun. 2025). Essa abordagem se reflete na maneira como suas imagens carregam uma sensibilidade que vai além do registro documental, tornando-se gestos de cuidado e de respeito às histórias individuais e coletivas.

Ao refazer o imaginário visual sobre as identidades negras e indígenas, Laís Reverte constrói uma fotografia popular que afirma a potência dos territórios e das culturas periféricas. Suas imagens contribuem para a construção de uma memória visual que resgata e valoriza a ancestralidade, os afetos e as formas de resistência que emergem desses espaços. É a partir desse lugar de escuta, afeto e relação com o território que sua fotografia se articula como gesto político e como forma de reescrever as narrativas históricas e visuais que cercam os corpos racializados no Brasil.

Considerações finais

Ao longo desta análise, foi possível evidenciar que a fotografia popular, tal como praticada por jovens artistas das periferias do Rio de Janeiro, constitui-se como um gesto político e afetivo profundamente enraizado no território e nas relações comunitárias. Longe de se limitar a uma função meramente documental, a imagem fotográfica se revela, nesse contexto, como um dispositivo de escuta e de construção de narrativas, capaz de fortalecer a memória coletiva e os laços identitários dos grupos retratados.

Nesse sentido, a fotografia atua como um instrumento ativo na construção da memória coletiva, ao funcionar como repertório visual de conceitos e crenças situados em contextos específicos. Por meio da repetição de determinadas estéticas e da reprodução de imagens recorrentes, formam-se narrativas que frequentemente enquadram sujeitos em estereótipos fixos. Cada imagem gerada, portanto, carrega não apenas uma dimensão estética, mas também escolhas éticas e políticas, afirmando existências e histórias que, em muitos casos, foram silenciadas (TEMIDO, 2022).

Inserido nesse processo, torna-se imprescindível reconhecer o papel ativo dos sujeitos fotografados, que participam da construção da imagem a partir de relações marcadas pela confiança e pela reciprocidade. Como afirma Bourdieu (1965 apud CONORD, 2013, p. 22) “olhando aquele que olha (ou que fotografa), retificando sua postura, nos deixamos ser olhados como gostaríamos de ser olhados, damos a imagem de nós”. Essa perspectiva sublinha a importância de um olhar que não se impõe, mas que se constrói no encontro e no reconhecimento mútuo entre fotógrafo e fotografado.

As produções de Laís Reverte e Lucas Freire demonstram com clareza como a fotografia popular, atravessada por uma ética do bem-querer, pode contribuir para ressignificar os imaginários sobre corpos e territórios historicamente marginalizados. Suas imagens, construídas a partir de vínculos afetivos e de uma convivência situada, não apenas desafiam estereótipos cristalizados, como também operam como gestos de cuidado e de afirmação. Dessa maneira, reafirma-se que a prática da fotografia popular, ao mobilizar uma escuta sensível e um compromisso ético com os territórios e sujeitos retratados, configura-se como uma linguagem potente para reescrever narrativas,

fortalecer pertencimentos e ampliar os horizontes da memória coletiva nas periferias urbanas do Rio de Janeiro.

Referências

CONORD, Sylvaine. A função mediadora da imagem fotográfica. *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 14, n. 32, p. 11-29, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/iluminuras>. Acesso em: 22 maio 2025.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

MIGNOLO, Walter. A colonialidade do ver: rumo a um novo diálogo visual interepistêmico. *Revista Rua*, Campinas, v. 19, n. 1, 2013. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rua>. Acesso em: 10 jun. 2025.

SILVA, Sergio Luiz Pereira da. A fotografia e o processo de construção social da memória. *Ciências Sociais Unisinos*, São Leopoldo, v. 47, n. 3, p. 228-231, set./dez. 2011. Disponível em: https://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais. Acesso em: 31 maio 2025.

TEMIDO, Giovanna Meira Guimarães. BEM-QUERER: um olhar humanizado na fotografia brasileira a partir da obra de João Roberto Ripper. Rio de Janeiro: PUC-Rio, Departamento de Comunicação Social – Jornalismo, 2022. Artigo derivado de monografia de graduação. Disponível em: <https://www.puc-rio.br>. Acesso em: 27 maio 2025.

WIKIFAVELAS. Fotografia Popular. Disponível em: https://wikifavelas.com.br/index.php/Fotografia_Popular#:~:text=A%20liga%C3%A7%C3%A3o%20que%20Ripper%20tem,permanente%20no%20Museu%20da%20Mar%C3%A9. Acesso em: 25 maio 2025.

YOUTUBE. Fotografia Popular e a Pedagogia do Bem-Querer – João Roberto Ripper. Disponível em: <https://youtu.be/EEmyIvpRJ4w?si=oD6QH0KOHwhbUQjv>. Acesso em: 25 maio 2025.

ZERWES, Erika. A fotografia humanista e a construção de uma historiografia sobre a fotografia latino-americana. *História: Debates e Tendências*, Passo Fundo, v. 16, n. 2, p. 314-327, jul./dez. 2016. Disponível em: <https://seer.upf.br/index.php/historia>. Acesso em: 6 jun. 2025.